

PREÂMBULO

BRASIL DESTRUIDOR DE HERÓIS

O celebrado engenheiro Ozires Silva, idealizador e ex-presidente da EMBRAER, conta, que, durante um encontro em Estocolmo, em que se achavam presentes três membros do comitê do Prêmio Nobel, ousou fazer-lhes uma inesperada pergunta: - Por que o Brasil, até hoje, não recebeu nenhum prêmio Nobel? A resposta, tão constrangedora quanto a pergunta, foi contundente: - "O Brasil é um país destruidor de heróis. Os candidatos ou indicados ao prêmio, percebemos, pouco são apoiados pelo governo e à população de seu País, ao contrário do que ocorre em outros países, onde toda indicação é firmemente celebrada e apoiada"

Lamentavelmente, resguardado o exagero da resposta, somos um País propenso a desconstruir o outro. Se algo vai bem, se alguém sobressai corretamente, eis, muitas vezes, os comentários negativistas, depreciativos; instituições sérias são criticadas e com frequência, de forma simplista, apressada, quando não irresponsável. Na ótica de muitos, ninguém pode ganhar, nada pode dar certo. Se um administrador é idôneo, zeloso, equânime em seus atos, esse não serve – é antiquado, quando não tachado de "ditador" ou "autoritário". É a turma do "quanto pior, melhor" e dos "atiradores de pedras", observada principalmente entre grupos político-partidários. Ou ainda da burocracia estatal "se posso atrapalhar, por que facilitar?"

Há, por outro lado, o excesso de controle do Estado, que gera desestímulo generalizado. Não só o cidadão comum – massacrado pela burocracia e pela voracidade fisco-tributária – mas até gestores e funcionários públicos vem-se obrigados a contingenciar todo seu tempo e energia em dar satisfações e respostas a órgãos de controle e às demandas das auditorias internas e externas. Criou-se um clima de estresse geral e por vezes de pânico, dado o excesso e o abuso de poder praticado pelas altas autoridades.

Outro grave aspecto é que as regras, até mesmo as lavradas em nossa Constituição, não são respeitadas. Sempre dá-se um jeito de escamotear, de burlar o seu conteúdo, a começar das autoridades. Regras do jogo são modificadas, a todo momento, interpretadas a bel prazer de mandatários e até de altos magistrados, gerando insegurança, instabilidade jurídica. Eis aí as farsas e fraudes dantescas protagonizadas por agentes públicos, políticos e empresários de alto coturno – compra de medidas provisórias para benefício de empresas, anulação de multas mediante compras do voto de servidores responsáveis pela autuação, superfaturamento bilionário de obras públicas, uma desmoralização total e desavergonhada.

Temos que mudar, transmutar essa cultura e tradição negativistas, distorcidas. Mobilizar mentes e pessoas na direção de objetivos superiores, mais elevados, mais arrojados e plenamente alcançáveis através da cooperação, valorização do outro, o fortalecimento e o somatório de forças sociais, em que todos possamos ganhar juntos. Há uma mentalidade anacrônica de competição, de se criar "lutas de classes", com posicionamentos sectários, extremados. Alguns ideólogos políticos são mestres em jogar "empregados contra patrões", "ricos contra pobres", em fomentar conflitos de gênero, muitas vezes de forma oportunista, manipuladora, eleitoreira e desonesta. É o arremessar pedras, a esmo, no atacado e no varejo, disseminando-se a dúvida, a discórdia, a calúnia, a irresponsabilidade sob o argumento de "liberdade de expressão e de manifestação do pensamento".

O mero criticar por parte de muitos acarreta o desestímulo, a inércia naqueles, que, mesmo desejando agir, participar da gestão de uma instituição, optam pela omissão, receosos de críticas e "pedradas".

MINERAÇÃO: O PERIGO POR TRÁS DA GANÂNCIA

Os imensos danos causados pelas mineradoras – transformações urbanísticas, remoções inteiras de comunidades, convulsões ambientais, funcionamento de barragens de rejeitos em áreas urbanas – são sempre feitos com a autorização das autoridades (poder público) e com fortes suspeitas de fraudes (propinas, financiamento de campanhas políticas etc) Queixas de moradores, ações de ONGs ou até mesmo do Ministério Público, inquiridos praticamente não dão em nada. Todas as iniciativas de regulação de funcionamento e de segurança de barragens são literalmente barradas no Congresso Nacional, assembleia legislativa e processos pouco avançam no judiciário, fruto do fortíssimo lobby e poder econômico das mineradoras junto ao Estado.



Pág. 03

RIO DOS MORTES E A ECONOMIA EM CURSO

Afluente da Bacia do Rio Grande e uma de suas oito principais sub-bacias, o Rio das Mortes é um importante curso d'água e vetor econômico-histórico regional (mesorregião do Campo das Vertentes), palco de relevantes fatos, incluindo confrontos bélicos no passado, dentre eles a Guerra dos Emboabas.

Pág. 04

O FUNDAMENTALISMO E A TOLERÂNCIA

O fundamentalismo não é apenas religioso. Ei-lo na política, na economia, no esporte. Exemplos a mancheias são registrados pela história. Homens perversos que impõem suas regras temerárias, fanáticas, intolerantes às multidões desvairadas, magnetizadas, impotentes. Os dogmas de um são para todos. Eis um Hitler, um Mao Tse, um Pol Pot, um Fidel que geraram regimes de exceção, de asfixia brutal da liberdade, de eliminação física e em massa de opositores, quadros ainda vivos de holocausto e terror.

Pág. 11

ADIVINHAS

1- COM DEZ PATAS VAI DE LADO,
CONSTELAÇÃO TEM SEU NOME,
NÃO TEM PESCOÇO E É CAÇADO
PORQUE É GOSTOSO E SE COME.

2- TODO MUNDO PRECISA,
TODO MUNDO PEDE,
TODO MUNDO DÁ,
MAS NINGUÉM SEGUE?

Respostas: 1- Caranguejo; 2- Conselho

Provérbios e Adágios

- A gente pensa que se benze e quebra as ventas.
- Araruta tem seu dia de mingau.
- A cara de um é o focinho do outro.
- A medida de encher nunca transborda.
- Amarrar o burro onde o burro do dono manda.



Para refletir

• O som é poderoso, leva multidões e pode soar e forma consciente ou inconsciente. Quando somos conscientes somos indivíduos soando em cooperação, em sinfonia; quando a inconsciência domina, acontecem os delírios coletivos, os movimentos de manada e as pessoas fazem o que individualmente jamais fariam.

(Goethe).

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Mariane Carla Fonseca.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Leticia Stefany dos Santos Santiago

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO
APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Leticia Stefany dos Santos Santiago

AO PÉ DA FOGUEIRA UM EQUIVOCO DAQUELES...

A cidade, até então em sua rotina pacata, provinciana, ai pelos inícios da década de 1970, viria a se transformar, de uma hora para outra. Ruas e casas com sua fisionomia prosaica, tempos sem os caixotes de cimento e tijolos que hoje enfeiam – perdão, enfeitam - a cidade e sem alguns dos “donos” privilegiados, nobres, especuladores enricados com a prosperidade advinda do projeto “café com biscoito”. Ainda pela manhã, veículos estranhos, em especial camionetes e jipes, com marca de empreiteira, estacionam na Praça, sendo observados vários operários uniformizados nas carrocerias. De uma das camionetes, descem dois homens, um mais jovem, já o outro de aparência madura, cabelos grisalhos, que adentram o prédio da Prefeitura.

Apresentam-se como engenheiros de companhia construtora, encarregados em uma obra – na verdade, serviços de reforma de uma escola e de uma ponte na Fazenda São Tiago em “São Tiago de Minas”. E que necessitavam de algumas informações e ademais de local para acampamento, fornecedores de combustíveis, alimentação etc.

O funcionário da Prefeitura que os atendera encaminha-os ao chefe de obras, sr. Marcos Reis, que estranha, um tanto quanto, a conversa e a presença daquela empreiteira de grande porte na região. Os recém-chegados exibem mapas, esclarecendo que vieram dar início a obras de reparos na ponte e na escola. Alguns dados não batem, geram dúvidas. Os estranhos questionam:

- Mas aqui não é São Tiago?!

- Sim e não, esclarece o diligente funcionário; aqui é São Tiago, mas não a “São Tiago” que vocês estão procurando... Parece-me que vocês estão equivocados...

Alguém que passava pela rua, por sinal que trabalhava numa empreiteira por várias regiões de Minas e do Brasil, após se inteirar do assunto, esclarece:

- Esta escola e fazenda São Tiago ficam em São João do Paraíso, norte de Minas...

(Escola Estadual São Tiago – Fazenda São Tiago
São João do Paraíso – tel. (38) 3832-1124)



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



*“As mineradoras matam sem pôr as mãos”
(desabafo de uma sobrevivente de Brumadinho)*

“Dizia-se que era preferível ser roubado por um pirata em alto mar do que aportar no Brasil. A elite colonial que está até hoje no poder com mentalidade de estar numa terra em que se pode enriquecer sem qualquer escrúpulo”.

(Adrian Romeiro, historiadora)

MINERAÇÃO TRAGÉDIAS À ESPREITA

No dia 05 de dezembro de 2015, cerca de 40 bilhões de litros de lama, após o rompimento em Mariana de uma barragem com rejeitos da mineradora Samarco (empresa de propriedade da Vale e da angloaustraliana BHP Billiton) provocaria o maior desastre ambiental do País. Vilarejos com toda uma secular história varridos do mapa, flora e fauna destruídas, estradas e pontes inutilizadas, abastecimento de água de muitas cidades interrompido, rios agônicos, centenas de quilômetros percorridos pela lama contaminada até invadir o litoral do Espírito Santo. E dezenas de mortes...

As cidades do chamado Quadrilátero Ferrífero, onde se concentra a maior parte da população urbana do Estado de Minas, formado principalmente pelas cidades de Congonhas, Nova Lima, Itabira, Brumadinho, Ibirité, Igarapé, além de Mariana, Ouro Preto e a própria capital BH, sofrem, desde o século XVII, quando foram cavadas as primeiras minas, com a predação ambiental, os abusos das mineradoras, a omissão irresponsável quando não conivente e corrompida das autoridades.

O passivo ambiental é insanável, irrecuperável. A região do Quadrilátero Ferrífero, originalmente de Mata Atlântica, engloba Belo Horizonte e adjacências. Produz 60% do ferro exportado pelo País, segundo o “Global Environmental Change”, periódico científico da área de geociências. Somente entre 2004 e 2010, 65% das minas do Quadrilátero Ferrífero cresceram – foram ampliadas – em áreas de reservas nativas e no âmbito da bacia hidrográfica cujos mananciais sustentam o fornecimento de água da Capital e cidades próximas.

Os imensos danos causados pelas mineradoras – transformações urbanísticas, remoções inteiras de comunidades, convulsões ambientais, funcionamento de barragens de rejeitos em áreas urbanas – são sempre feitos com a autorização das autoridades (poder público) e com fortes suspeitas de fraudes (propinas, financiamento de campanhas políticas etc) Queixas de moradores, ações de ONGs ou até mesmo do Ministério Público, inquéritos praticamente não dão em nada. Todas as iniciativas de regulação de funcionamento e de segurança de barragens são literalmente barradas no Congresso Nacional, assembleia legislativa e processos pouco avançam no judiciário, fruto do fortíssimo lobby e poder econômico das mineradoras junto ao Estado⁽¹⁾.

17% do PIB mineiro vem das mineradoras, tornando submissas as administrações estadual e municipais. Quando do desastre de Mariana, o prefeito chorou convulsivamente diante das câmaras, dizendo que 80% da receita municipal provinha da mineradora Samarco e que sem ela o município estaria fadado à ruína⁽²⁾. Algo simplesmente deplorável, senão vergonhoso e desonroso para um governante... A cômoda e

absurda dependência econômica das mineradoras leva as autoridades e órgãos de controles ao afrouxamento da fiscalização, sabendo-se, ademais, que tais empresas financiam campanhas de políticos, conduzindo à corrupção de parlamentares, executivos, conforme amplamente divulgado pela imprensa e comprovado pela operação “Lava-Jato”. Nossos tupiniquins de hoje, corrompidos por propinas, ainda se deixam seduzir impatrioticamente por “espelhos e pentes” dos novos colonizadores.

Esperava-se que o doloroso desastre de Mariana levasse ao repensamento e à mudança de atitudes por parte das mineradoras e autoridades. Pelo contrário. A falta de caráter de governantes tornou-se inconcebível, com o afrouxamento ainda maior das regras de segurança e operacionalização de barragens. Vinte dias após a tragédia de Mariana, a Assembleia Legislativa de Minas aprovou lei – sancionada pelo governador Fernando Pimentel – flexibilizando e acelerando a concessão de licenças ambientais às empresas de mineração, comprovando que sequer o clima de comoção gerado junto à comunidade nacional e internacional em função das mortes e prejuízos incalculáveis não conseguiu inibir a cegueira, o descaramento e ignomínia dos governantes.

Especialistas vem alertando, ademais, que fatores como aquecimento global, estiagens prolongadas e chuvas mais concentradas podem estar contribuindo para vulnerabilizar ainda mais as barragens, em especial as do tipo montante, modelo já totalmente obsoleto, mas ainda utilizado por nossas mineradoras.

NOTAS

(1) *Precários, inconfiáveis, inseguros os mecanismos de armazenagem de rejeitos. A fiscalização é falha. Devastadoras, por conseguinte, as consequências provocadas. Diz-se que há cerca de 500 barragens de rejeitos de minérios somente em Minas Gerais. Há inúmeros projetos de normatização e segurança de barragens no Congresso Nacional, um deles apresentado pelo Senador Ricardo Ferraço (ES), que previa o endurecimento de licenciamento ambiental e auditoria periódica, todos parados e bloqueados desde julho de 2018, sabe-se lá por que razões.*

(2) *Mesmo municípios que arrecadam elevadas somas com a mineração como Itabira foram levados à insolvência financeira. Culpado: queda do preço da tonelada de minério de ferro no mercado internacional. Itabira é uma das cidades onde os impactos sociais e ambientais são marcantes com a remoção de bairros inteiros (como a Vila Paciência) para fins de exploração de minério, ao lado da convivência dos moradores com a explosão diária de dinamites, arremessos de pedras, a presença de minas de rejeitos próximas, afetando a estrutura das casas e a tranquilidade da população. Seu antigo pico Cauê, que tanto encantava o poeta itabirano Carlos Drummond de Andrade, foi demolido pela Vale, dele hoje só restando uma enorme cratera. O Parque do Rola-Moça exhibe crateras imensas deixadas por mineradora que ali atuou durante décadas sem qualquer projeto técnico e que, após o criminoso ato, desapareceu impunemente.*

Para a tragédia de Mariana, nenhuma punição até o momento, para os responsáveis pelo hediondo crime. Na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, projetos de fiscalização, planos de ação e emergência e ainda protocolos de segurança, contenção e revisão das barragens estão emperrados, com a atuação ostensiva do Dep. Thiago Cota, presidente da comissão de Minas e Energia, a favor das mineradoras. “O dinheiro fala mais alto” afirmou uma sobrevivente de Brumadinho



RIO DAS MORTES E SUA BACIA HIDROGRÁFICA

Desde os tempos pré-históricos, os rios permeiam, estruturam e influenciam o processo civilizatório, em particular o desenvolvimento espacial das cidades e aglomerados populacionais. Os seres humanos sempre optaram por se estabelecer próximos a cursos d'água, dadas as facilidades de transporte, abastecimento e mesmo saneamento.

Afluente da Bacia do Rio Grande e uma de suas oito principais sub-bacias, o Rio das Mortes é um importante curso d'água e vetor econômico-histórico regional (mesorregião do Campo das Vertentes), palco de relevantes fatos, incluindo confrontos bélicos no passado, dentre eles a Guerra dos Emboabas. Nasce na Serra da Mantiqueira, na comunidade da Vargem Grande, ao norte do distrito de Senhora das Dolores, entre os municípios de Barbacena e Senhora dos Remédios, numa altitude de 1.200m, tendo, ao todo, 278 km de extensão e uma bacia (área) de 10.547 km², banhando áreas, total ou parcialmente, de cerca de 31 municípios: Alfren-

do Vasconcelos, Antonio Carlos, Barbacena, Barroso, Bom Sucesso, Carmo da Cachoeira, Carandaí, Casa Grande, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Dolores de Campos, Ibertioga, Ibituruna, Ijaci, Lagoa Dourada, Lavras, Nazareno, Oliveira, Prados, Resende Costa, Ressaquinha, Ritópolis, Santa Cruz de Minas, Santa Rita do Ibitipoca, Santo Antonio do Amparo, Santana do Jacaré, São Francisco de Paula, São Tiago, São João Del-Rei, São Bento Abade, Tiradentes. Deságua no Rio Grande, na represa (lago) da usina hidrelétrica do Funil em Ijaci. O Rio das Mortes é, pois, um afluente do Rio Grande que, por sua vez, é um dos afluentes do Rio Paraná. No Rio Grande, estão instaladas as usinas de Camargos, Itutinga, Furnas, Funil e outras.

Principal rio da região do Campo das Vertentes, o rio das Mortes tem em média 68 m de largura, com vazão média de 113 m³ s⁻¹, próximo à confluência com o Rio Grande. Como sói ocorrer aos demais cursos d'água, ao nascer é

um pequeno riacho e que, ao longo do percurso, vão sendo adicionadas águas de vários córregos e riachos, até adquirir suficiente quantidade de água para ser chamado de rio. A perenidade de um rio depende do cuidado que temos com o local da nascente, sua proximidade e entorno, preservação das matas ciliares, naquilo que os estudiosos denominam de “área de recarga”.

Dois córregos dão origem ao rio das Mortes: o córrego das Areias e o córrego do Caximbeiro. Seguindo o sentido leste-oeste, após percorrer 270 km, se encontra com o Rio Grande, nele desaguando em sua margem direita, no município de Ibituruna.

A bacia hidrográfica do Rio das Mortes⁽¹⁾ está intimamente ligada à história econômica de nosso Estado, em particular ao ciclo do ouro, que atraía exploradores de toda parte, mais especificamente nos séculos XVII e XVIII, suscitando o surgimento de povoados, vilas e arraiais, hoje expressivas cidades da região.

Quanto ao relevo (geomorfologia) no interior da Bacia destacam-se dois alinhamentos de serras, ambos atravessados pelo rio das Mortes: Serra de São José/Lenheiro (altitudes entre 1.120m-1.430m) e Serra de Bom Sucesso/Ibituruna (altitudes entre 1150m-1230m). No limite centro-oeste da bacia, destaca-se a elevação da Serra das Vertentes com altitude de 1.300m. As principais unidades de relevo da Bacia são: Serra da Mantiqueira (1170-1300), serra das Vertentes (1200-1300), Colinas do Rio Grande (altas: 1100-1170); baixas: (900-1070), Serra de Bom Sucesso/Ibituruna (1170-1230), serra de São José/Lenheiro (1120-1430)

Clima da Bacia Hidrográfica do Rio das Mortes – temperado, com precipitação bem definida: verão chuvoso e inverno seco. A concentração de chuva se dá entre outubro e março com predominância para os meses de novembro a janeiro. Período seco de abril a setembro. O mês mais quente, de modo representativo, é janeiro; o mais frio, junho. No verão, a temperatura média oscila de 16°C a 22,5°C.

Seus afluentes principais são o Rio das Mortes Pequeno, Rio Elvas (que nasce no lugar “Paraiso Garcia” em Santa Rita de Ibitipoca e deságua no rio das Mortes em Tiradentes), Rio Carandaí, Rio Loures (também chamado de Alberto Dias ou Bandeira - Ressaquinha), Córrego Paineiras (Barbacena), Córrego Pombas (Barbacena), Ribeirão Senhora das Dores, Córrego Campestre (Barbacena), Córrego Pinheiro Grosso ou Margaridas, Córrego Belém (Antonio Carlos), Córrego Lavrinhas ou São Vicente (Barbacena), Córrego Despejo ou Benta (Barbacena), Ribeirão Curral Novo (Antonio Carlos), Córrego Piau ou Farias, Ribeirão Conquista, Córrego do Martelo, Córrego da Ponte, Córrego Invejoso (Barroso), Córrego da Praia, Córrego da Passagem, Ribeirão Patusca, Córrego Fundão (Prados), Córrego Palmital (Prados), Córrego Morro Grande, Rio Santo Antonio, Ribeirão do Mosquito (Cel. Xavier Chaves), Rio Lenheiro, Rio do Peixe, Rio Taboões da Serra etc.

Na última década do séc. XVII, o taubateano Tomé Portes Del-Rei fixou-se em suas margens no lugar denominado “Porto da Passagem do Caminho Real”, à margem esquerda do Rio das Mortes, local de trânsito de embarcações e viajantes. Nesse ponto, instalou com sua família e escravos, um entreposto com objetivos de prover mantimentos aos viajantes

que por ali passavam e/ou atuavam nas áreas mineradoras, atividade que se impulsionara, em inícios do .séc. XVIII, com a descoberta de lavras de ouro na região. Para tal, Tomé Portes criava animais e plantio de lavouras, permitindo-lhe o abastecimento das expedições que por ali transitavam. Com o declínio das minas, as atividades produtivas e mercantis se diversificaram, dentre elas a agropecuária, o comércio, a mineração, o artesanato.

O rio das Mortes possui duas pequenas usinas hidrelétricas: PCH Ilhéus – 2.560 KW, próxima aos distritos Colônia Rodrigo Silva e Severiano Resende (Barbacena) e São Sebastião de Campolide (Antonio Carlos), operada desde 2010 pela empresa paulista Iguazu Minas Energética e PCH Lavras – 1.200 KW. Segundo geólogos, o rio das Mortes – objeto já de alguns estudos geomorfológicos, morfotectônicos e pedológicos - é um rio meandrante, de alta sinuosidade e morfologia com suaves declividades.

Atribui-se ao Rio das Mortes a ocorrência periódica de “cheias” e inundações ao longo de seu leito, principalmente em cidades como Barbacena, Barroso, São João Del-Rei, o que provoca desalojamentos de moradores, prejuízos materiais, bloqueio de rodovias marginais e estradas vicinais etc. Segundo estudiosos, as causas das enchentes são naturais e sazonais (época das chuvas), com o acúmulo de água nas cabeceiras do rio, ao lado da intervenção humana muitas vezes perniciosas (ações atópicas): construção de casas e moradias ribeirinhas, em áreas de reconhecido risco; asso-reamento do leito por lançamento de lixo e dejetos de toda ordem; desmatamentos (falta de mata ou cobertura ciliar); predação devido a atividades agrícolas, minerais, extração de cascalho, areia; negligência e omissão das autoridades no tocante à ordenação e reorganização urbana.

A bacia hidrográfica do Rio das Mortes apresenta diversificados padrões ou tipos de vegetação, a saber: campestre, campo cerrado, cerrado e cerradão, cujas gradações proporcionam considerável oferta de alimentos às aves (sementes, insetos, frutos) e animais em geral. Além da vegetação, o relevo, o solo permitem interação entre ambiente e fauna, com animais dispendo de plantas e outros animais para sua conformação alimentar. A relativa diversidade biológica e recursos naturais vem, contudo, se deteriorando ante as agressões humanas – desmatamentos, queimadas, ocupação de áreas para pastagens e lavouras, extração predatória de areia e cascalhos para construção, daí a extinção de nascentes e portanto de volume d’água nos rios e reservatórios, ameaçando até mesmo o abastecimento normal das cidades.

NOTAS

(1) *Bacia Hidrográfica – conjunto de córregos, rios, riachos que alimentam uma rede hidrográfica, dentro de um espaço geográfico, inseridas as cidades e núcleos populacionais, com todas as suas atividades econômicas e sociais, independentemente de seus tamanhos.*

A bacia hidrográfica do Rio das Mortes ocupa uma área de 6.606km². Situa-se aproximadamente entre os paralelos 21°30’S e 20°45’S e os meridianos 45°55’W e 44°55’W no centro-sul do Estado de Minas Gerais (região denominada “Vertentes” devido as características de seu relevo com grandes altitudes e paisagens conformadas por morros, serras e nascentes d’água.

BACIA DO RIO DAS MORTES

ASPECTOS HISTÓRICOS

FOTO: BARBACENA.MG.GOV.BR/DIVULGAÇÃO

Os primeiros desbravadores da região foram bandeirantes paulistas, que no final do século XVII, se arriscaram pelos sertões, ávidos por riquezas mineiras e enriquecimento fácil. A eles se reuniram aventureiros portugueses e brasileiros vindos de toda a parte, despertados pela abundância de ouro encontrado. Dada sua localização estratégica, a região do Rio das Mortes tornou-se ponto de acesso aos campos gerais e passagem obrigatória, para quem, transpondo a Serra da Mantiqueira e o Rio Grande, vindos de São Paulo e Rio de Janeiro, destinavam-se às comarcas de Sabará e Vila Rica e aos mais distantes sertões.

O nome “Rio das Mortes”, segundo a tradição, deve-se ao fato de que muitas pessoas tenham morrido na tentativa de atravessá-lo a nado, para não pagar o pedágio real cobrado por Tomé Portes Del-Rei. Ou ainda com o morticínio ocorrido na Guerra dos Emboabas, que se desenrolou entre 1707 e 1709, tendo como principal cenário determinada região às margens desse rio. Engano nosso. Segundo o historiador Diogo de Vasconcelos em sua obra “História Antiga das Minas Gerais” “a origem do nome “Rio das Mortes” se encontra em (André João) Antonil (in “Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas”) quando diz: “a qual paragem chamam de “Rio das Mortes” por morrerem neles uns homens que o passavam nadando e outros que se mataram a pelouradas brigando entre si sobre repartição de índios que traziam do sertão” Lembra ainda o historiador Diogo de Vasconcelos que, por provisão de junho de 1706, portanto antes da Guerra dos Emboabas, Pedro de Moraes Raposo havia já sido nomeado Regente do Distrito do Rio das Mortes.

Inúmeras dificuldades, indubitavelmente, encontradas nos primeiros anos de exploração aurífera: a geografia montanhosa, a resistência indígena, inexistência de caminhos, ameaça de doenças. Paulatinamente, a zona se povoava, surgindo núcleos mineradores, que dariam origem a inúmeras vilas e cidades, em especial a partir de 1700, como o Arraial Velho do Rio das Mortes (hoje Tiradentes), o Arraial Novo do Rio das Mortes (atual São João Del-Rei) e ainda povoações, hoje Prados, Lagoa Dourada, Ritópolis, Cel. Xavier Chaves, São Tiago etc.⁽¹⁾

O núcleo original populacional seria o local denominado “Porto Real da Passagem” entre os atuais municípios de São João Del-Rei e Tiradentes, onde em fins do século XVII, estabeleceu-se o taubateano Tomé Portes Del-Rei, exercendo o direito de cobrança para a passagem/travessia do Rio das Mortes, além de exercer atividades comerciais, de hospedaria e produção agrícola aos viajantes.

Inúmeros conflitos transcorreriam em toda a área, principalmente entre paulistas e forasteiros (em específico portugueses e brasileiros oriundos do norte do País), culminando na sangrenta “Guerra dos Emboabas” (1707 a 1709)⁽²⁾ Vitoriosos, os portugueses passaram a controlar as principais datas auríferas, provocando o êxodo dos paulistas para territórios mais afastados. Um dos episódios mais abomináveis e ainda hoje obscuros da guerra, foi o do “Capão da Traição”, ocorrido por volta de 1708 (ou 1709) na região do Rio das Mortes, selando a vitória final dos portugueses. O conflito levaria as autoridades coloniais, até então ausentes e inoperantes, a intervirem, implantando-se medidas oficiais nas áreas administrativa, judiciária e fiscal e ainda a distribuição de datas e sesmarias, buscando a regulação da propriedade.

Em 1710 seria criada pelo governo colonial a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, por sua vez desmembrada em 1720 com a criação da Capitania das Minas Gerais. Em 1714, seria implantada a Comarca do Rio das Mortes, a mais populosa da Capitania, com sede em São João Del-Rei. Já em fins do século XVIII, com a decadência aurífera e o rígido controle administrativo-fiscal exercido pela Metrópole – o obsessivo acúmulo das riquezas da Colônia, a cobrança do quinto – fez despertar a consciência libertária de muitos membros da burguesia mineira e da classe dominante,



envolvendo-se a Comarca do Rio das Mortes no célebre movimento revolucionário e emancipacionista da época – a Inconfidência Mineira. Diversas e importantes personalidades da região – dentre tantas Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes), Pe. Carlos Correa de Toledo e Mello, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Cap. José de Resende Costa e seu filho homônimo, Vitoriano Gonçalves Velloso – veem-se envolvidas e presas, abortando-se a sedição.

A crise econômica advinda do esgotamento das minas de ouro e extensivamente da atividade mineradora, longe de representar a estagnação regional, fê-la voltar-se para a produção agropecuária e o abastecimento de bens de consumo às vilas e comarcas vizinhas que se dedicavam à exploração aurífera (Sabará e Vila Rica em especial) e ainda ao Rio de Janeiro, mormente após a chegada da Família Real (1808). A região, pois, ao lado das atividades agropastoris, incrementou inúmeras outras modalidades de produção como laticínios, carnes, algodão, couro, manufatura em fição e tecelagem (muito embora as atividades manufatureiras fossem proibidas por decretos de D. Maria I, em 1785, à época do ministro Marquês de Pombal).

Em 1881, é implantada a Estrada de Ferro Oeste de Minas, interligando a região a outros centros, além da fixação de polo industrial com instalação de várias empresas como fábricas de tecidos (a pioneira foi a Companhia Industrial Sanjoanense em 1891) e de laticínios, tornando-se São João Del-Rei o município polo do desenvolvimento regional. A partir do século XX, a região consolida sua vocação comercial e agropecuária, bem como turística, dados os cenários urbano-arquitetônicos bastante preservados de São João Del-Rei, Tiradentes, bem como Prados, Resende Costa, Coronel Xavier Chaves.

NOTAS

(1) Do ponto de vista geológico, inúmeros minerais ocorrem dentro das unidades que compõem a bacia do Rio das Mortes: cassiterita, manganês, ouro, titânio, cianita, granada, quartzo, pedra ornamental, caulim, calcário etc.

(2) Emboaba – denominação pejorativa com que eram conhecidos os portugueses (“emplumados”)

85 anos de falecimento de BALBINA LINA VIANA

Vinícius Mata

No último 14 de março, celebrou-se 85 anos do falecimento de Dona Balbina Lina Viana, uma das antepassadas mais icônicas de minha árvore genealógica, seja pela forte oralidade sobre ela que circula no meio familiar, seja pelo seu retrato imponente, que sempre me causa admiração, desenhado pelo excelente retratista Ulysses Maia, completamente desconhecido do meio artístico, sou também nada mais, nada menos, do que seu descendente 3 vezes, pois tenho o privilégio de ser neto de 3 netos seu, meu avô paterno, meu avô materno e minha avó materna, todos eles netos de Balbina. E essas datas sempre me fazem pensar sobre o legado histórico que esses antepassados nos deixam.

Nascida no pequeno povoado de Ibituruna em 1853, infelizmente a perda de grande parte do fundo arquivístico paroquial de Ibituruna, torna-se impossível eu descobrir a data exata de seu nascimento, ou quando foi batizada; filha de Joaquim Viana de Souza e de Lina Maria Vieira, casal de primos muito próximos, certamente teve um princípio de vida parecido ao destinado às moças da elite rural daquele período, aprendendo a fazer atividades domésticas, porém sendo-lhe ensinado também alguma instrução escolar, pois sabia ler e escrever, e creio que não seria diferente, pelo alto nível intelectual que seu pai tinha.

Casa-se muito nova, aos 16 anos, muito provavelmente em 1869, com José Pedro da Mata, natural de Conceição da Barra de Minas, nascido em 12 de janeiro de 1840, filho de Joaquim José Mata e de Maria Clara de Almeida, igualmente um membro dessa mesma elite a qual sua família pertencia, em um desses complexos esquemas de casamentos e parentescos, tão presente nesse meio.

Terá vivido os primeiros tempos de casada com seus pais, na fazenda da Barra do Rio Grande em Ibituruna, e posteriormente, mudado para a fazenda da Lavrinha em São Tiago, propriedade de José Pedro, onde viveria o resto da vida, aliás, em seguida toda sua família também viria para São Tiago, e seus pais e irmãos iriam se instalar na fazenda das Laranjeiras.

A partir daí foram várias gestações, tendo tido ao todo 11 filhos que chegaram na vida adulta, nada de anormal para as famílias daquela época, idas e vindas entre a fazenda e São Tiago, Bom Sucesso, São João del Rei, para visitar parentes, obrigações religiosas, os acontecimentos rotineiros que urdiam o dia-a-dia no século XIX, e princípios do século XX. Tendo ficado viúva em 16 de fevereiro de 1908, certamente a gerência de seu patrimônio e os encargos familiares ficaram sob sua responsabilidade, nos anos posteriores, logo terá arranjado matrimônio para todos os filhos ainda solteiros, Dorval em 1908, Job em 1909, Balbina em 1908, Lina em 1910 e Cincinato em 1914, este o filho mais novo, com quem viveria até sua morte.

É de salientar também o farto patrimônio que detinha, apesar de ainda não ter tido acesso ao inventário de seu marido, onde estará um quadro geral do montante que o casal possuía, só pelo inventário de Balbina, realizado a partir de 1935, ano seguinte de sua morte (e que consultei no fórum de Bom Sucesso, e

que hoje se encontra sob guarda do arquivo histórico permanente do Judiciário, em Belo Horizonte, manancial de fontes ainda pouco conhecido, para quem estuda a história de Bom Sucesso e São Tiago), se nota a quantidade de terras e demais bens que estavam sob seus cuidados, o monte-mór foi de 142:497\$300 (cento e quarenta e dois contos quatrocentos e noventa e sete mil e trezentos réis), sendo que só em terras, o valor era de 104:750\$000, perfazendo um total de 946 hectares.

Balbina fez testamento cerrado em São João del Rei, em 06 de julho de 1916, nele, institui por seus universais herdeiros, todos os seus filhos, e ao filho Cincinato, além da sua herança, também o institui em sua terça, para-lhe ser paga em terras; essa fato de Cincinato ter herdado a mais, foi por muito tempo motivo de desavenças e querelas entre os herdeiros, porém, a herança de Cincinato sempre esteve amparada sob o testamento de sua mãe, e posteriormente, ele também adquiriria várias outras partes de outros herdeiros, diz assim o testamento:



*"Em nome de Deus, amen.
Eu Balbina Lina da Matta, declaro que fui casada com José Pedro da Matta, já falecido, e cujo consorcio tive os seguintes filhos: Joaquim da Matta Sobrinho, José Pedro da Matta Filho, Dorval Augusto da Matta, Job Altivo da Matta, Cincinato Augusto da Matta, Adelaide da Matta Barros, casada com Joaquim Pinto de Barros, Ernestina da Matta Teixeira, casada com Antonio Baptista Teixeira, Jovina da Matta Caputo, casada com Luiz Caputo, Maria Dolores da Matta Martins, casada com Francisco Martins Ferreira, Balbina da Matta Santiago e Lina da Matta Oliveira, casada com Geraldo de Souza Oliveira.
Estando em meu perfeito juízo, e no gozo completo de minhas faculdades, digo faculdades mentaes, mas temendo a morte cujo dia é incerto determinei fazer este meu testamento, para dispor de meus bens como abaixo se segue.
Sou catholica apostolica Romana e cuja fé protesto viver e morrer; sou natural do districto de Ibituruna, da comarca de São João d'El Rei, filha legitima de Joaquim Vianna de Souza e viúva de José Pedro da Matta, digo, filha de Joaquim Vianna de Souza e Lina Vianna de Souza, e viúva de José Pedro da Matta, todos já falecidos.
Primeira disposição: Instituo por meus universaes herdeiros a meus filhos acima descritos e a meu filho Cincinato, além de sua herança, deixo mais minha terça que-lhe será paga em terras de cultura e campos existentes nas fazendas seguintes: Lavrinha e uma parte que possuo na fazenda Laranjeiras, Quebra-barrio, e Retiro, ficando o mesmo meu filho Cincinato com o direito de escolher nessas mesmas fazendas e lugares onde-lhe convenha tirar essas terras que-lhe deixo na minha terça. Como disposições em bem da minha alma, deixo quinhentos mil reis, para serem empregados em sessenta missas, e bem assim cem mil reis para serem distribuidos em esmolas aos pobres. Nomeio meus testamenteiros os meus filhos, Joaquim da Matta Sobrinho, Job Altivo da Matta e Theophilo Alves de Andrade, e àquele que aceitar esta testamentaria deixo um premio de duzentos mil reis. Segunda disposição, desejo ser sepultada no arraial de São Tiago, na catacumba onde foi sepultado meu marido José Pedro da Matta. E por esta forma tenho concluido este meu testamento, que de muito livre e espontanea vontade sem constrangimento ou indusimento de pecca alguma querendo portanto que seja tido por bom, firme e valioso e por isso rogo a justiça de meu paiz o cumpra e faça cumprir tão inteiramente como nele se contém. Pedi ao Senhor Arthur Portella, que este por mim escrevesse e que assigno de meu próprio punho.*

S. João del Rei 6 de julho de 1916
Balbina Lina da Matta"

Posteriormente Balbina ainda faria um testamento público, em Bom Sucesso, aos 05 de novembro de 1932, não anulando o testamento anterior, declarando e reafirmando as mesmas coisas, e como acréscimo, que por sua morte, deixava a sua neta e afilhada Eny Balbina da Mata, de 16 para 17 anos, filha de seu filho Cincinato Augusto da Mata e de D. Ester da Mata, 22 alqueires de terras, no lugar dos Taboões, que Balbina tinha herdado de sua falecida filha Adelaide da Mata Barros, e que este legado era para ser retirado de sua meação, e que o valor desses 22 alqueires não atingiam a metade de seus bens de que poderia dispor livremente.

Balbina faleceria então aos 14 de março de 1934, em sua fazenda da Lavrinha, às 12:30, depois de 81 anos de vida.

Após essa breve linha cronológica da vida de minha trisavó, e como já mencionado, sua memória é permeada por uma forte oralidade entre seus descendentes e não só, oralidade essa marcada por histórias que mostram uma pessoa marcada por extrema frieza e malevolência, principalmente para com seus criados e escravos, algumas narrativas até bem minuciosas, com exagerados requintes de crueldade, o que me faz pensar a natureza histórica desses relatos.

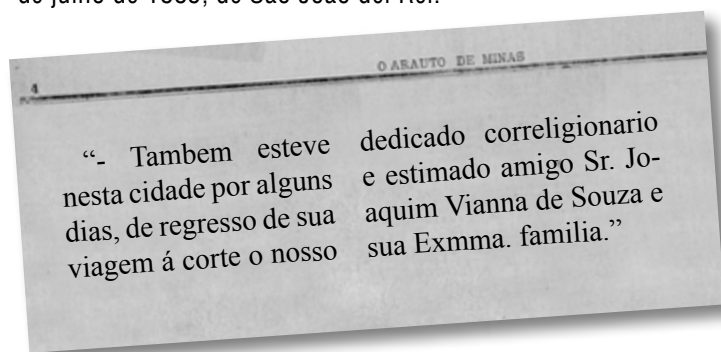
Primeiramente, seria de um anacronismo enorme tentar entender os fatos transcorridos dentro de uma sociedade escravista, com os juízos de valor que temos hoje, não estou tentando acobertar ou desmerecer os acontecimentos horríveis que naquela altura histórica aconteceram, porém há que se ter um limite entre fato e lenda, se é que Balbina cometeu tais atos, pois provas documentais não existem, a propósito, é algo bastante comum e corriqueiro em meios familiares, e para quem tem interesse em ouvir histórias, e se dedicar às pesquisas genealógicas, observar que sempre entre os ancestrais, aparece aquele bisavô ou bisavó que teria cometido os mais horripilantes castigos e ofensas físicas contra seus escravos, em diferentes famílias o discurso é sempre muito parecido.

Acresce o peso econômico que um escravo tinha em tempos finais da escravidão, valendo uma fortuna, e o prejuízo que seria a morte de um, porém isso também em nada prova, e assassinatos de cativos realmente ocorreram, porém no caso da Balbina em concreto, não existe nenhum documento de cariz criminal envolvendo seu nome, diga-se de passagem, há inclusive relatos de que ela teria sido presa! Mas essas estórias teriam realmente um fundo histórico?

Outro antepassado não menos destacado em minha árvore, se trata do próprio pai de Balbina, Joaquim Vianna de Souza, nascido em 1820 em Ibituruna, filho de Manoel José de Souza e de D. Cândida Laudegária de Souza, de família de destaque no Brasil Imperial, era primo direto do 2º barão de Guandu e do barão do Rio das Flores, inclusive tinha fortuna maior que o seu primo titulado de Guandu, perdeu a mãe muito cedo, aos 8 anos de idade, no inventário da referida sua mãe, e no inventário de sua avó materna D. Teodósia Bernarda da Cunha em 1831, compareceu com o nome de Joaquim José de Souza, mas já em 1843 adotava o sobrenome Vianna, cuja origem não consegui descobrir.

Homem político e de personalidade forte, em Ibituruna exerceu o cargo de juiz de paz e subdelegado no ano de 1867, residiu aí até 1870, quando adquire a fazenda das Laranjeiras, e fica entre essa fazenda, São Tiago e Bom Sucesso, cuidando também de suas terras espalhadas por Ibituruna e o atual município de Ijaci, também fazendo viagens até à Corte do Rio do Janeiro, conforme noticiou o jornal Arauto de Minas n.º 18 de 18

de julho de 1885, de São João del Rei:



O fato de ser correspondente e ter escrito alguns artigos para o jornal Arauto de Minas, mostra também sua posição política, sendo que o hebdomadário era ligado ao Partido Conservador.

Como homem bem relacionado e muito rico, e envolvido em meio às esferas político e social, e principalmente política, Joaquim Viana foi ao longo dos anos ganhando vários desafetos, e que no menor deslize, era vítima das discórdias de seus opositores; um caso que ganhou grande repercussão, foi o do seu escravo Domingos Cearense, mais conhecido como Domingão, que apareceu morto em região próxima à fazenda das Laranjeiras, depois de longo tempo foragido, acusado de ter roubado 900\$000 de seu dono.

Fato é, que o caso foi grandemente alardeado pelos seus desafetos, e apesar de não ter tido ainda acesso ao processo, que está sob guarda do arquivo histórico permanente do judiciário em Belo Horizonte, se nota pela leitura dos artigos publicados pelo jornal O Arauto de Minas, que ele foi alvo de grande perseguição, e inclusive tendo sido preso!

Em 05 de dezembro de 1884, na edição n.º 31 do O Arauto de Minas, foi divulgado um artigo de alguém que se intitulou e assinou como "Um amigo", defendendo Joaquim Viana de Souza de tais acusações:



Dois anos antes, em 03 de setembro de 1882, Joaquim Viana já tinha escrito um artigo, que foi publicado no O Arauto de Minas nº. 21, de 16 de setembro do mesmo ano, em que agradecia o apoio dos amigos, nesse texto vemos claramente sua ilustração e cultura aqui mencionados:

O ARAUTO DE MINAS

“Bom Sucesso
Agradecimento
Quando em lucta com
as ondas revoltosas de
um mar encapellado pela
adversidade, fulminado
o nosso espírito, se ha
transposto os umbraes
da bonança, ouvindo-se
sempre a voz amiga que
nos acompanhou no la-
butar constante das agru-
ras da vida, alentando a
coragem desfallecida;
não pode o sentimento
da gratidão conter o grito
ingente partido d’alma re-
conhecida. Quando ferido
de emboscada com a arma
da traição de que se servi-
ra um individuo uzeiro e
vizeiro em ganhar contos
de réis, que diz ser sua
roça, para, com denuncia-
s e propagandas calumnio-
sas, arrastar-me á barra
dos tribunaes por um cri-
me suposto ou antes ide-
alisado, senti, erguida em
meu favor a justiça dos
homens de bem. Ela não
se faz esperar, como nun-
ca falha a da Divina Pro-
videncia. Postados a meu
lado, até o desenlace glo-
rioso da minha causa hoje
triumphante, os amigos
não me voltarão as costas.
Agradecendo pois, a
todos os amigos de Bom-
-Sucesso, S. Thiago, S.
João Baptista, Itaruna,
Conceição, S. João d’El-
-Rei, Lavras, Oliveira etc.
destacando de entre todos
os amigos os nomes dos
Srs. Venancio Gonçalves
Castanheira, Amancio
G. Castanheira, Wences-
lau G. Castanheira, An-
tonio Felisberto Vivas,
Constantino José Vivas,
José Venancio Vivas,
José Bernardo de Sou-
za, Felisbino R. Teixeira,
Martinho de F. Mourão,
Antonio Caetano e fi-
lhos, Francisco Alves de
Souza, Eliezer Monteiro,
as significativas provas
de amizade com que me
honrarão durante o tempo
que estive na cidade de
Bom-Sucesso; recebem
os protestos da minha sin-
cera estima, como pallida
demonstração de apreço
ao muito que me fizeram.
Fazenda das Laran-
geiras, 3 de setembro de
1882.
Joaquim Vianna de
Souza.”

Sr. Viana como era comumente conhecido, escreveria ainda vários outros artigos para o jornal Arauto de Minas até 1889, ano que se deu encerramento, fazendo denúncias de abusos políticos e crimes que aconteciam na cidade de Bom Sucesso; voltaria para sua fazenda da Barra do Rio Grande, em Ibituruna, em 1901, vindo a falecer às 04:00 da madrugada do dia 08 de março de 1903, aos 83 anos de idade, tendo sido enterrado no dia seguinte na Igreja Matriz de Ibituruna, e deixando uma fortuna que posteriormente foi avaliada em seu inventário em 220 contos de réis.

Por aqui, vemos então, que Joaquim Viana de Souza fora acusado de duas coisas, maus tratos a escravos e ter sido preso, pelo que Balbina também é tachada pelas mesmas coisas, teria então aqui a base histórica de toda a oralidade que atualmente é disseminada sobre ela? José Pedro da Mata seu marido, indubitavelmente era também atrelado à vida política, eleitor por São Tiago, e líder de importante família, era muito próximo de seu sogro, tanto que no testamento deste, na falta da viúva, José Pedro é nomeado como primeiro testamenteiro, e tanto é também, que em documento que faz parte dos arquivos do IPHAN em São João del Rei, e que integrava os processos da antiga Comarca do Rio das Mortes (PC 51-01, Processo crime, folhas 78), datado de 1884, Joaquim Viana de Souza e José Pedro da Mata acusavam Augusto José da Silva e Carlos Cândido de Souza Caé, de excluir seus nomes da lista de qualificação dos jurados por motivos pessoais, já que os denunciadores e os réus são inimigos declarados, este último inclusive, um dos que atacaram veementemente Joaquim Viana, durante o caso do escravo Domingão.

Portanto é de supor, que José Pedro e consequentemente sua esposa Balbina, que também deveria ser próxima de seu pai, igualmente sofressem das difamações de que seu pai era vítima, e com a deturpação natural que a oralidade tem ao longo dos anos, Balbina ficasse com toda a fama!

Esse texto, é uma pequena homenagem à minha trisavó, e a todo o legado histórico que ela representa na vida de mais de 2000 descendentes que a sucederam e a sucedem.



ATAULFO ALVES

1909-2019 – 110 Anos de Nascimento

1969-2019 – 50 Anos de falecimento

Ataulfo Alves de Sousa, famoso compositor e cantor de samba brasileiro, nasceu na Fazenda Cachoeira, município de Mirai, Zona da Mata de Minas Gerais, aos 02-05-1909, filho de Severino de Sousa e Matilde de Jesus. O pai, que tinha o apelido de “Capitão”, embora nunca fora militar, era sanfoneiro conhecido em toda a região, tocador de viola e repentista.

Órfão de pai aos 10 anos, a família decidiu deixar a zona rural onde trabalhavam, passando a morar na Rua do Buraco (hoje Rua Ataulfo Alves) na cidade de Mirai. Uma família composta de sete irmãos: Ataulfo, Alaor, Paulinho, Tita, Maria Mercedes, Maria Antonieta e Norina. Ataulfo trabalharia duro desde criança, ajudando a mãe no sustento da casa. Foi leiteiro, condutor de bois, apanhador de mala na estação, menino de recados, carregador de marmitas, marceneiro, engraxate, lavrador em fazendas de café, arroz e milho e muitas outras atividades de sobrevivência. Mesmo trabalhando em serviços braçais e por vezes pesados, prosseguiu seus estudos no Grupo Escolar Dr. Justino Pereira.

Em 1927, aos 18 anos, deixou Mirai, indo para o Rio de Janeiro, acompanhando o médico Dr. Afrânio Moreira de Resende, amigo da família, que se transferira com mulher e filhos para a então Capital do País. Ataulfo passou a trabalhar durante o dia no consultório do Dr. Afrânio, na Rua da Assembleia, centro do Rio e de noite, fazia a limpeza geral da residência do médico. Empregou-se, após algum tempo, na Farmácia e Drogeria do Povo, propriedade de Samuel Antunes, como limpador de vidros. Inteligente, aplicado, aprenderia o ofício de prático de farmácia, conquistando a simpatia e confiança do dono. Nessa época, Ataulfo morava no bairro do Rio Comprido, onde passou a frequentar rodas de samba, tornando-se diretor de harmonia do “Fale quem quiser”, bloco organizado pelo pessoal do bairro.

Em uma entrevista, contou: - “Organizei um conjunto, um grupo. Já tocava violão, já tinha meu cavaquinho, meu bandolinzinho, já fazia meu dó maior acertadinho, direitinho. Conforme eu manipulava as pílulas, manipulava também o samba” Casou aos 19 anos com Judite, com quem teve 5 filhos: Adélia, Ataulfo Junior, Adeilton, Matilde e Adelinho (que morreria ainda jovem)

Trabalhando na farmácia, conheceria uma jovem de origem portuguesa, de nome Maria do Carmo, amiga das filhas de seu patrão e que morava na Travessa do Comércio nº 24. A moça vivia dizendo que um dia seria artista famosa. Todos achavam graça. A jovem era simplesmente aquela que se tornaria o mito Carmen Miranda e que em 1933 gravaria o samba “Tempo Perdido” garantindo a entrada de Ataulfo Alves no mundo artístico. Nesse mesmo ano, Almirante gravou o samba “Sexta-feira”, primeira composição de Ataulfo a ser lançada em disco. Vários outros cantores e intérpretes gravariam suas músicas como Silvio Caldas (“Saudade ela”), Carlos Galhardo (“Quanta tristeza”), Orlando Silva (“Errei, erramos”), Dalva de Oliveira (“Fim de comédia”). Em 1958, apareceria no filme “Meus amores no Rio”.

A musicografia de Ataulfo ultrapassaria 320 canções, uma das maiores da música popular brasileira, tendo lançado discos pelas maiores gravadoras da época: Odeon, Sinter, Copacabana, Philips, Polydor, RCA Victor. Intérpretes importantes como Clara Nunes e os grupos Quarteto em Cy e MPB-4 fizeram versões de suas músicas. Ao longo de 35 anos de uma carreira vitoriosa, Ataulfo acumulou troféus, medalhas, placas, diplomas, além dos quadros pintados por Giuseppe Pancetti “Lagoa Serena” e “Pois é”, inspirados em seus famosos sambas. Um lenço branco foi a sua marca registrada. Era com ele que Ataulfo regia o seu conjunto “Ataulfo Alves e suas Pastoras”.

Um dos mais bem sucedidos e talentosos sambistas compositores brasileiros entre os anos 1940 a 1960. Um mito que se estende até os dias atuais. Sempre muito refinado, educado, gentil, vestia-se com

Maiores sucessos de Ataulfo Alves



- Ai que saudades da Amélia (com Mário Lago)
- Atire a primeira pedra (com Mário Lago)
- Bom crioulo
- Errei, erramos (com Arthur Vargas Junior)
- Faz como eu
- Gente bem também samba
- Jubileu
- Laranja madura
- Leva meu samba
- Meus tempos de criança
- Marcha pró oriente
- Mulata assanhada
- Na cadência do samba (com Paulo Gesta)
- Nem que chova canivete
- O bonde de São Januário (com Wilson Batista) vencedora do Carnaval de 1941
- O homem e o cão (com Arthur Vargas Junior)
- Oh! Seu Oscar (com Wilson Batista) vencedora do Carnaval de 1940
- Pois é
- Requebro da mulata
- Sei que é covardia (com Claudionor Cruz)
- Vai, mas vai mesmo
- Vida da minha vida
- Vassalo do samba
- Alegria na casa de pobre (com Abel Neto)

elegância, chegando a ser eleito um dos “10 mais elegantes” em famoso concurso promovido pelo colunista Ibrahim Sued. Disse à época: - “Quando fui apontado como um dos 10 mais elegantes pelo Ibrahim, eu aparecia em fotografias com um termo de 10 anos atrás. É que, naquela época, eu não podia pagar um bom alfaiate. Mas, depois de eleito, surgiram grandes alfaiates que, interessados em ganhar publicidade, ofereciam-se para me fazer roupas de graça”.

Ético, recusava-se a pagar (dinheiro) para que suas músicas fossem mais tocadas nas rádios, o famoso “jabá” ou “caitituagem” comum à época quanto nos dias atuais. As letras de suas composições têm como temática o amor, o sofrimento, preceitos familiares e sociais. Sobre elas escreveu Murilo Rubião: “os primeiros cantos são feitos de rosas despetaladas. Lembram o paraíso antes do pecado”. Foi um dos primeiros compositores populares a editar suas próprias composições, para tal criando a ATA-Ataulfo Alves Edições. Fundador e 1º diretor da União Brasileira de Compositores, além de membro da Associação Brasileira de Direitos Autorais. Representou o Brasil no I Festival de Arte Negra em Dacar, Senegal (1966). Conhecido como “o embaixador do samba” por suas caravanas e divulgação (do samba) pelo País.

Faleceu no Rio de Janeiro aos 20-04-1969, após uma intervenção cirúrgica, vítima do agravamento de uma renitente ulcera de duodeno, que o acompanhou por cerca de 20 anos.

FUNDAMENTALISMO

WWW.OUTRASPALAVRAS.NET/DIVULGAÇÃO POR GLEOMAR MANHAS

Fundamentalismo, fundamentalistas, termos comuns aos nossos dias indicam uma crença ou pessoas com ideologia literal, radical, de ensinamentos geralmente religiosos, interpretados ao pé da letra e segundo o ponto de vista de alguns “iluminados” ou aloprados.⁽¹⁾

Assim, os ensinamentos contidos nos livros ditos sagrados com seus conteúdos milenares, por vezes oriundos de imemorial oralidade, muitos com bases tribais, arcaicas, são, na visão dos fundamentalistas, intocáveis, imutáveis, mesmo passados séculos. Cada palavra, cada versículo são a revelação da divindade, expressão de toda a verdade - única e absoluta verdade - e todos, indistintamente, em qualquer lugar, em qualquer época, tem que acatá-los, sob pena - ai dos infiéis e hereges! - de execração, punições as mais bárbaras, desde anátemas, lapidações, difamações, apedrejamentos até a morte, masmorras, decapitações, fogueiras, guerras santas. O tempo, a civilização, a evolução não contam. Ai de quem discordar da interpretação fundamentalista e estiver ao alcance de suas mãos!

Embora comentado diariamente pela mídia, por força de fanáticos (na prática, bandos armados, bárbaros, sacrílegos e criminosos comuns, travestidos de religiosos), esse filme não é recente. Judeus ortodoxos, fariseus, puniam os recalitrantes à lei mosaica, sendo severamente censurados, em seu tempo, dada sua intolerância, por Jesus. “Sepulcros caiados” e “hipócritas” para quem um preceito, inviável, às vezes, por eles próprios não praticados, serviam de argumento de atroz condenação aos outros. A Inquisição deixou feridas, veios abertos ainda não cicatrizados, de difícil, dolorosa reparação até os dias atuais e que perdurará, indubitavelmente, por séculos. Países ditos árabes, ainda hoje arredios á prática dos direitos humanos, são pródigos em abusos de ordem de consciência. Grupos protestantes cometeram igualmente muitos ultrajes e violências em nome da fé e algumas de suas denominações, ainda hoje, se julgam donas totais da verdade, interpretando a Bíblia de forma unilateral, demonizando as demais crenças. Fiéis são tratados como robôs e os divergentes, por mais idôneos, tidos como ameaça, quando não filhos ou a serviço do maligno.

Alguns desses grupos vem movendo abusivas campanhas contra as religiões de origem africana, como candomblé, umbanda, todas de milenar ascendência e com respaldo na cultura e vastas tradições do continente negro. Houve até mesmo denúncias e exposições em sites de que certas igrejas vem desenvolvendo criação e treinamento de “exércitos” ou grupos de fiéis, devidamente uniformizados, com palavras de ordem, o que vem inquietando outras religiões, em especial as afroameríndias, e obviamente parte considerável da sociedade.

O fundamentalismo não é apenas religioso. Ei-lo na política, na economia, no esporte. Exemplos a mancheias são registrados pela história. Homens perversos que impõem suas regras temerárias, fanáticas, intolerantes às multidões desvairadas, magnetizadas, impotentes. Os dogmas de um são para todos. Eis um Hitler, um Mao Tse, um Pol Pot, um Fidel que geraram regimes de exceção, de asfixia brutal da liberdade, de eliminação física e em massa de opositores, quadros ainda vivos de holocausto e terror.⁽²⁾

O fundamentalista tem uma visão dualista; para ele o mundo divide-se em dois - o que ele pensa (verdade) e o que o outro pensa (não verdade). Cegueira absoluta sobre a verdade revelada, a rejeição e o não saber lidar e respeitar o outro. Estudos já feitos com homens bomba no Oriente Médio comprovam que o fundamentalista ou fanático busca (ter) um bom conceito e o apreço de seu grupo.

A receita para essa tragédia - do nosso e de todos os tempos - é a construção da cultura da tolerância em que todos possamos expor nossas opiniões, ouvirmos e respeitarmos as opiniões alheias, ainda que as desaprovemos ou possamos calá-las. A compreensão de que há valores diferentes, contextos plurais...



NOTAS

(1) O termo “Fundamentalismo” surgiu - e se propagou - na década de 1920 nos Estados Unidos, quando a American Bible League lançou a obra “The Fundamentals: a testimony to the Truth”, em 12 volumes, com o objetivo de defender o cristianismo das ameaças do liberalismo e modernismo

(2) Alguns estarrecedores rastros de sangue ao longo da história:

- 70 d.C. - destruição de Jerusalém pelos romanos e sua repetição em 1099 pelos cruzados

- 1478 - Surgimento da Inquisição Espanhola, que se espalhou por outros países, deixando milhares de vítimas (fala-se em mais de 50.000 levados às masmorras e fogueiras...)

- 1572 - Noite de São Bartolomeu, com o massacre dos huguenotes franceses

- 1792 - Terror Jacobino durante a Revolução Francesa

- 1871 - Fim da Comuna de Paris (cerca de 100 mil mortos)

- 1936 - Processo de Moscou (Stalin decreta o expurgo do Partido Comunista Russo - milhares são presos e mortos)

- 1938 - Noite dos Cristais (grandes perseguições de Hitler na Alemanha)

- 1965 - Golpe de Estado na Indonésia, conduzido pelo Gen. Suharto (de 500 mil a 1.000.000 de mortos)

- 1975 - Khmer Vermelho, sob o comando de Pol Pot, implanta um regime comunista “puro” no Camboja - 4.000.000 de mortos

Recentemente, grupos muçulmanos como Al Qaeda, Boko Haram, Al Sabath, Estado Islâmico vem implantando o terror em vários países da África, Europa e Ásia. Em vários países, grupos criminosos de narcotraficantes, contrabandistas, milicianos, guerrilheiros igualmente levam ao caos social...E muitas vezes com a complacência de maus servidores públicos!

BOIADEIROS

Uma das atividades profissionais e empresariais mais importantes do passado, a compra e venda de gado em escala comercial faz-se ainda presente nos dias atuais. Eram – e são – os boiadeiros ou mercadores de gado, empresários autônomos, itinerantes ou ainda intermediários que se deslocavam, geralmente a cavalo ou em jipes, pelo interior do Estado e País, adquirindo gado nas fazendas, daí conduzido em lotes (as famosas boiadas) até os grandes atacadistas de carne e frigoríficos do País, geralmente na Baixada Fluminense.

Cidades interioranas, como Barretos, tornar-se-iam referências por centralizarem negócios de gado, reunindo produtores, confinadores, compradores etc.

O boiadeiro, em todo o País, tornou-se uma figura clássica, épica, celebrada, compondo imaginários, tornando-se personagem central em centenas, senão milhares de obras literárias, letras de músicas, filmes, documentários, novelas, programas de rádio e TV. Simbolizado por instrumentos e objetos como o berrante, a espora, o tradicional chapéu.

Até meados do século passado, movimentavam-se praticamente a cavalo. Com o incremento do uso do automóvel e abertura de estradas (rodovias ou mesmo ferrovias) ao longo do interior do País, se modernizaram, passando a se valer de veículos utilitários como jipes, rurais, camionetes, para visitas a negócios; realizada a transação, o gado passou a ser transportado em caminhões e carretas, não mais tocado por terra. Trabalho estafante, que exigia destreza física, ser bom cavaleiro, habilidade negocial, comunicação, experiência, versatilidade, pois visitavam fazendas e povoações, prospectando gado a ser adquirido; enfrentavam toda sorte de privações e provações climáticas, topográficas, de acomodação e pousio, extravio de gado, assaltantes etc.

Necessitavam de boa infraestrutura para locomoção: cavalos e burros resistentes, de boa qualidade; arreatas e apetrechos de viagem; viveres; grupo seletivo de peões.

Muitos eram os utensílios utilizados em viagem: tripés, grelhas, gamelas, bules, chaleiras, tachos, panelas, frigideiras usualmente de cobre ou de ferro. Tinha a comitiva que estar prevenida, pois não se tinha certeza de encontrar viveres por onde passasse, em especial em locais mais ermos. Ferro de passar roupa a carvão fazia-se indispensável, pois participavam de eventos sociais por onde transitavam. Para tal, levavam roupas no “dobro” ou capoteira, peça feita de couro ou lona utilizada para transportar roupas e objetos pessoais dos peões da comitiva. Navalhas, pincéis, tesouras para a barba e cabelo. Ferramentas e utensílios como facões, foices, enxadas, balanças, armas de fogo, pólvora, cordas, redes, lampiões, lanternas, isqueiros, farmácia de primeiros socorros

Os cargueiros, onde eram acondicionados os viveres, ferramentas etc eram compostos pelas bruacas (cestos de couro cru) ou cangalhas transportados no lombo dos burros. Sinetas eram tocadas pelos peões para anunciar a passagem de tropas e boiadas.



José Martins da Fonseca
("José Horácio")

NOTAS

(1) Sobre Tonico Peçanha, ver matéria "O afilhado e o padrinho desca-ridoso" em nosso boletim nº XXXVI set/2010.

(2) José Martins da Fonseca ("José Horácio") Um dos maiores e mais conhecidos boiadeiros que atuaram em nossa região, entre as décadas de 1930 a 1960, aqui granjeando enorme estima e círculo de amizades. Realizava transações de gado em vários Estados. Natural de São José dos Lopes, município de Lima Duarte, onde nasceu em 20/09/1916. Casado com D^a Alzira Lucinda, tendo o casal, ao todo, 13 filhos. Fazendeiro em São Vicente de Minas, onde residia e veio a falecer em 20/10/1970 (informações e

foto fornecidas por seu sobrinho, o Dr. Paulo César Durço, empresário e líder cooperativista em S. Vicente de Minas, a quem muito agradecemos)

(3) Sebastião Ferreira Maia (Tião Maia) Natural de Passos, MG, onde nasceu em 01/01/1916. Pessoa de origem simples, primário incompleto, jeito caipira, iniciou seus negócios em Minas e depois Araçatuba, interior de São Paulo. Dotado de excepcional espírito empreendedor, tornar-se-ia um dos maiores empresários brasileiros e mesmo internacionais no ramo de criação e comercialização de gado, em particular para abate. Dono de várias fazendas e frigoríficos. Considerado o maior fazendeiro brasileiro à época. Acabaria adquirindo um caráter folclórico, mítico, sendo conhecido como "O barão do gado". Nele se inspirou o ator Lima Duarte para compor o personagem "Sinhozinho Malta" na novela "Roque Santeiro". Amigo de grandes autoridades, dentre elas Juscelino Kubitschek. Não tinha, porém, papas na língua. Perseguido pelo regime militar que mandara confiscar bois em suas propriedades, em ridículas operações feitas pela Polícia e televisadas bombasticamente para todo o País, mudou-se para a Austrália e depois para os Estados Unidos, tornando-se em ambos os países, dono de milhares de cabeças de gado, de imensas fazendas, mais de um milhão de hectares. Foi também grande investidor imobiliário em Las Vegas (EUA). Para vistoriar seu gado, diz-se, eram necessários helicópteros pelo alto, apartadas as reses por cerca de mil cavalos de raça.

Vítima de aneurisma em 1992, retornou ao Brasil, não mais se recuperando, apesar de todos os esforços médicos e passando a viver recluso em seu apartamento no bairro de Higienópolis, em São Paulo. Faleceu no Hospital Sírio Libanês em 05/03/2005, aos 89 anos, deixando uma colossal fortuna em vários países, dentre gado, terras, imóveis, ações etc.

BOIADEIROS LOCAIS

Merecem menção ainda os inúmeros boiadeiros de nosso meio, que negociavam por conta própria ou ainda em sociedade ou por delegação de empresários invernistas e atacadistas sediados em cidades mineiras ou de outros Estados. Alguns nomes que são de conhecimento geral:

- Fernando Aguiar Paiva (Santo Antonio do Amparo)
- José Jacinto Lara (Zé Lara – São Tiago)
- Geraldo Oliveira Resende (Geraldo Marcos – Resende Costa/São Tiago)

• José Augusto dos Reis (Resende Costa)
 • Geraldo "Garapa" (Resende Costa)
 • Alfredo Chaves (Resende Costa)
 • Nicodemos Coelho (Jacarandira – R.Costa)
 • João Carlos ("Bibina" – Bom Sucesso)
 • Chico Machado (Oliveira)
 • Aurélio Leão (Morro do Ferro)
 • Zezinho Custódio (S.Tiago)
 • Hedy Damasceno, que aqui consorciou-se com a sra. Shirley (Léa) Castro

(Nossos agradecimentos ao sr. Laerte da Silva Resende pelas informações e dados fornecidos sobre os boiadeiros de nosso meio)

BOIADEIROS EM NOSSA REGIÃO

Muitos boiadeiros "de fora" tornaram-se conhecidos e célebres em nossa região, aqui adquirindo rebanhos, promovendo círculos de negócios, amizades e relacionamento pessoal. Eram geralmente oriundos do Sul de Minas, Região da Mata etc.

- Joaquim Pires, natural de Bias Fortes, levava o gado adquirido para o Estado do Rio
- Tonico Peçanha⁽¹⁾
- Antonio Eduardo e José Rodrigues, naturais de Bom Sucesso
- José Horácio, com centralização de negócios em São Vicente de Minas⁽²⁾
- Pionice Piassi, natural de Passos
- Tião Maia⁽³⁾
- etc.

PEÇAS E OBJETOS DE MONTARIA

- Arriaz – fivela por onde se enfiam os loros dos estribos
- Barbata – assento do freio na parte sem dentes da boca do cavalo
- Buçal – cabresto simples; saquinho em que se dá milho a animais e com que se atraem animais soltos no potreiro
- Cangalha(s) – armação de madeira ou de ferro em que se sustenta e se equilibra a carga das bestas, metade para um lado delas e metade para o outro
- Chilenas – esporas grandes



- Cincha (chinha) – barrigueira; cinta larga de tecido e franjas para segurar a sela
- Espenda – parte da sela em que se assenta e acomoda a coxa do cavaleiro

- Fiador – correia do freio dos animais
- Gamarra – correia que se ata da cilha ao bocal ou cabeção da cavalgadura a fim de que não levante de-



masiado a cabeça

- Mango – relho de cabo grosseiro, geralmente de madeira, com açoiteira larga de couro não trançado; tala
- Rabicho – correia dos arreios da cavalgadura que passa sob a cauda da alimária e se prende à sela
- Roseta – pequena rosa dentada da espora
- Sambarca – faixa com que se rodeia o peito das cavalgaduras; faixa ou travessa que se dependurava ou pregava nas portas das casas
- Xairel – cobertura de bestas feita de tecido ou de couro e sobre a qual se põe a sela ou a albarda: gualdrapa
- Xerga – tecido ou peça que estende por baixo da albarda das bestas; enxerga; burel



MINIGLOSSÁRIO

A INDEFINÍVEL MAGIA DO LÉXICO PORTUGUÊS

- Acovilhar – cobrir as brasas do fogão com cinza
- Almocreve – condutor de bestas de carga; recoveiro; arrocheiro
- Arribador – o membro da comitiva de tropa ou boiada que volta para descobrir e recuperar rês(es) ou alimária(s) que se extraviaram
- Às arreguas – andando ou trotando para trás; recuando
- Áscua – chispa(s) de fogo que escapa dos tições incandescentes das fornalhas, trempes, fogões a lenha; brisa viva; faísca que escapa do ferro em brasa quando malhado ou que emana do atrito de um objeto (ferro, verga metálica etc) no chão ou asfalto
- Aturá – cesto com quatro pernas usado geralmente para transportar mandioca
- Bandoleira – correia usada a tiracolo, na qual se prende a arma
- Baquité – espécie de balaio; samburá
- Barbilho – dispositivo que se põe no focinho de alguns animais para que não mamem ou comam
- Betilho – cabresto ou bocal que se prende à boca do boi, impedindo-o de comer o grão na eira
- Boldrié – correia ou cinturão a tiracolo, onde se prende a arma; tablabarte; talim
- Cabramo – peia com que se amarra um animal pelos cornos ou pelos pés para que não fuja
- Cambito – fueiro; haste de madeira ou de galhos finos bifurcados que servem para o transporte de lenha, madeira, dependurado(s) na cangalha de boi ou cavalo; xalmas
- Cavu – capote, capa
- Choupa – ponta de aço ou de ferro com que se armam agulhões (ferrões)
- Cintel – área circulada onde se movem os animais que fazem mover um engenho
- Coima – multa que se aplica aos donos de animais que pastam, danificam praças públicas ou em propriedades alheias, sem licença
- Coroboca – lugar ermo, longínquo
- Condorça – égua velha
- Espeque – peça para sustentar alguma coisa; suporte
- Estradiota – maneira de montar e cavalgar em que o cavaleiro estira as pernas e se firma nos estribos
- Farnel – provisão de alimentos; matula
- Frago – indícios de passagem de caça viva (excrementos, pisadas etc)
- Garril – obstáculo intencional para prejudicar o trânsito de veículos ou cavaleiros (ex. árvore caída para impedir a passagem)
- Grunha – concavidade nas serras, às vezes bem espaçosa
- Guaiaca – cinto largo de couro ou de camurça provido de bolsinho, usado para guardar dinheiro, miudezas, armas etc
- Gupira – lugar onde começa um vale ou nascente; guapira
- Gurupi – pessoa que faz lances fictícios em leilões, negócios, de combinação com o leiloeiro ou vendedor; defeso

- Haragano – cavalo arisco que dificilmente se deixa pegar
- Ipueira – lagoeiro ou pequena lagoa formada pelo transbordamento de rios nos lugares baixos e que aí permanecem por algum tempo
- Itupava – pequena queda d'água; corredeira
- Jimbolô – comida seca; farnel
- Lezíria – terreno alagadiço, plano, às margens de um rio
- Mocado – bolsa de tiracolo para pequenas provisões, papéis etc; canganga
- Morraça – estrume vegetal decomposto em terrenos alagadiços, lamacentos, pântanos etc
- Mucuta – bolsa ou bernal que se carrega a tiracolo
- Mundongudo – cavalo ruim para carreira
- Panacum – cesto grande de talas usado na condução de objetos durante viagens; canastra
- Pelechar – mudar o pé ou a pata (cavalo)
- Pitança – ração diária, o que se come diariamente; prato ou cardápio extraordinário em dia de festa
- Pituba – ladrão de cavalos
- Puxavante – instrumento com que o ferrador apara os cascos do animal ante de os ferrar; puxavão
- Quiçamã – pequeno jacá
- Quipoqué – iguaria de feijão cozinhado com vários temperos
- Rebatedor – o membro da comitiva (de tropas ou boiadas) que acompanha a manada pelos flancos e coloca em ordem algum animal que sai da trilha, fica para trás, refuga ou tenta se evadir
- Rebenque – pequeno chicote
- Recovagem – transporte de mercadorias, bagagens por animais
- Rédua – grupo de bestas de carga, presas uma às outras
- Reluno – gado sem dono; teatino
- Sedenho – cilício de sedas ásperas e mortificadoras; crina cortada de que se fazem cordas
- Serrapilheira – camada de folhas, galhos de mistura com a terra e que cobre o solo da mata
- Sertã – frigideira larga, rasa
- Seva – cipó ou corda horizontal onde se penduram para secar as folhas verdes de fumo, erva mate, erva congonha; tendal; varal
- Sofrenar – sofrer o cavalo para fazê-lo parar ou recuar; retesar (as rédeas)
- Sovéu – laço grosseiro para se pegar gado
- Tacho – vaso de metal ou de barro, largo, fundo, geralmente com asas; antiga medida de 25 litros
- Tacuruba – trempe feita de três pedras em que se assentam painéis; tacurua; tacuru; poiá
- Tafoneiro – cavalo mal domado, que se habituou a só se deixar governar por um lado
- Taleiga – saco pequeno e alongado
- Teatino – animal ou objeto cujo dono é desconhecido; reluno
- Temperilho – governo das rédeas
- Torroada – fenda nos terrenos alagadiços quando secam
- Transumar – mudar (remanejar) o gado de pastagem
- Uru – cesto de palha de carnaúba com alça

ENTORPECIMENTO DA CONSCIÊNCIA

Impressiona-nos assistir depoimentos e declarações de pessoas transgressoras da lei, criminosas na acepção da palavra e da lei, assaltantes do Erário Público, envolvidas em atos vergonhosos de corrupção, pegas com a boca na botija. Todas, indistintamente, ante a polícia, o Ministério Público e a Justiça, se declaram inocentes, injustiçadas, vítimas de perseguições e de delações injuriosas. São “anjos” de primeira grandeza, modelos de probidade e decência. Desviam milhões de dólares, corrompem, extorquem, roubam os suados impostos pagos pela população sempre lesada, e eis os caras lambidas, os sanguessugas, párias da sociedade, da moral e da Pátria se fazendo de vestais. O curioso é que, ao final da história, ninguém sabe para onde foi o dinheiro roubado, e que tanta falta faz/fará às gerações presentes e futuras!

Políticos, empresários, servidores públicos de alto coturno, todos nobres, arrogantes, e que sabem recitar – de cor e de há muito – os versos do “Poema em linha reta” de Fernando Pessoa: “Toda gente que eu conheço nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho, nunca foi senão príncipe” Não se pejam em continuar mentindo, tergiversando, iludindo a todos e muitos deles ocupando os mais elevados cargos públicos. São frutos, infelizmente, de uma sociedade onde se valoriza o “ter” ou melhor o “parecer”. A ostentação, a aparência, a mentira, a empáfia, o cinismo, a hipocrisia, a qualquer custo e sem nenhum remorso. Competência, dignidade ficam em 2º ou o último plano. Os cidadãos honestos que pagam toda a conta se vendo como ingênuos, tolos. Vícios ainda de nossa colonização, onde ante a terra dadivosa, o objetivo era extrair, se enriquecer, predar a natureza, escravizar os outros à volta, açambarcar o Estado! Somos obcecados por aplausos, holofotes, pelo uso das “túnicas longas”, esquecendo-nos de desenvolver potencialidades, valores, autoestima, espiritualidade. Vivemos muitos o “mundo do faz de conta”!

“Pela hipocrisia dos que falam mentiras e que tem cauterizada a própria consciência” já definira admiravelmente São Paulo há dois mil anos (I Tm 4,2) “A corrupção é uma depravação de costumes, hábitos, é uma devassidão moral”.

Segundo uma matéria publicada no “Correio Brasiliense” de 01-07-2018, a neurociência, ao estudar os pontos e áreas do cérebro de pessoas corruptas, não encontrou marcas preexistentes de desonestidade nos cérebros pesquisados; estas se formam quando as pessoas sociopatas, ao repetirem mentiras, ao adotarem subterfúgios em suas condutas, ao anestesiarem a própria consciência tornam-se insensíveis, passam a não sentir remorso pelo seu comportamento nefasto; embora nítidas inicialmente no cérebro, tais marcas, dado o processo repetitivo delituoso, acabam desaparecendo – a pessoa, ao praticar contumazmente a depravação, torna-se insensível, tal qual ocorre com a lepra. A corrupção é, pois, uma espécie de lepra cerebral-moral – daí o cinismo, o descaramento, a mais deslavada sem-vergonhice, a desenvoltura com que agem os ladravazes do dinheiro público! A consciência entorpecida, necrosada!

O psicanalista Contardo Calligaris, em recente artigo publicado no jornal “Folha de São Paulo” mostra que o Brasil ocupou a 5ª posição, dentre os países mais deprimidos no mundo, sendo que no quesito “ansiedade” fomos o país campeão. Segundo o Dr. Contardo, por trás desse processo de depressão, há um pano de fundo formado por uma série de fracassos, que justificam

a deplorável condição de nosso povo:

- A sensação repetida de fracasso econômico, que é acompanhada pela perda de nossas riquezas naturais (e que só servem a uns poucos desde o Brasil Colônia...).

- O fracasso de nossa democracia representativa (a persistência das elites tradicionais e parasitárias em se manterem no poder, a qualquer custo; a corrupção generalizada; a primazia das razões eleitoreiras e de grupos político-econômicos sobre os interesses da comunidade e da Nação)

- O fracasso moral vergonhoso (ninguém se dispõe a pagar o preço das próprias medidas ou reformas que se fazem necessárias, a começar dos privilegiados – políticos, alto funcionalismo público, corporações empresariais, sindicais, classistas...).

- O fracasso em se manter seguro e em proteger o lar e o espaço público (a falência do Estado e das instituições públicas, no tocante, até mesmo ao mínimo de segurança. Isso sem se falar em saúde, educação, saneamento, infraestrutura e mobilidade viária etc.).

- O fracasso, enfim, de se constituir uma esperança compartilhada que dê sentido à existência de uma Nação. Em suma, tantos e quantos fracassos, ao longo dos tempos, que deixam um País abatido, sem esperança, à mercê de oportunistas, corruptos e de desequilibrados que infestam gabinetes e tribunas e que as redes sociais, mídias mostram a todo momento...



Invocação em defesa da Pátria



“Invocação em defesa da Pátria” é um refinado texto poético de autoria do consagrado poeta Manuel Bandeira (1886-1968), musicado pelo notável maestro e compositor Heitor Villa-Lobos (1887-1959), o que o torna um verdadeiro canto cívico-religioso, uma conclamação ao patriotismo sadio, uma reverenciada prece à nossa soberania, às nossas riquezas, aos nossos valores humanos e espirituais.

Para estudiosos, uma monumental arquitetura litero-musical, trabalhada admiravelmente por dois de nossos maiores vultos artísticos (Manuel Bandeira e Heitor Villa-Lobos). Uma peça por vezes desconhecida e que nas mãos de Villa-Lobos tornou-se um lapidado canto cívico-orfeônico (para solista, coro misto e orquestra), escrito em inícios da década de 1940. Sobre suas composições, escreveu o notável músico: “Considero minhas obras como cartas que escrevi à posteridade, sem esperar resposta”. Sem dúvida “Invocação em defesa da Pátria” é uma dessas significativas cartas, a qual, nós brasileiros, devemos “dar resposta”.

INVOCAÇÃO EM DEFESA DA PÁTRIA

Oh natureza do meu Brasil
Mãe altiva de uma raça livre
Tua existência será eterna
E teus filhos velam tua grandeza

Oh meu Brasil!
És a Canaã
És o paraíso para o estrangeiro

Amigos, clarins da aurora,
Cantai vibrantes
A glória do nosso Brasil

Oh Divino Onipotente!
Permiti que a nossa terra
Viva em paz alegremente
Preservai o horror da guerra

Zelai pelas campinas
Céus e mares do Brasil
Tão amados de seus filhos

Que estes sejam como irmãos
Sempre unidos, sempre amigos
Inspirai-lhes o sagrado
Santo amor da liberdade
Concedei a esta pátria querida
Prosperidade e fartura

Oh Divino Onipotente!
Permiti que a nossa terra
Viva em paz, alegremente,
Preservai o horror da guerra

Clarins da aurora!
Cantai vibrantes
A glória do nosso Brasil!

DADOS BIOGRÁFICOS

MANUEL BANDEIRA – Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho nasceu aos 19 de abril de 1886 em Recife (PE) filho de Manuel Carneiro de Souza Bandeira e D. Francelina Ribeiro de Souza Bandeira. Fêz seus estudos iniciais nos colégios das irmãs Barros Barreto e semi-interno no colégio do prof. Virgínio Marques Carneiro Leão em Recife. Mudando-se a família para São Paulo em 1903, Manuel Bandeira frequenta a Escola Politécnica e o Liceu de Artes e Ofícios, onde estuda desenho e pintura com o arquiteto Domenico Rossi. Em fins de 1904, descobre ser portador de tuberculose, passando a frequentar sanatórios em várias partes do País e ainda em Clavadel na Suíça (1913) onde conhece o escritor Paul Éluard, além de praticar alemão e francês. Retorna ao Brasil em 1914, quando da eclosão da 1ª Guerra Mundial.

Fixando residência no Rio de Janeiro, participa de vários grupos de escritores, atuando como crítico literário e musical, colaborador em revistas da época, viajando pelo País a serviço de uma empresa jornalística, além de fiscal de bancas examinadoras de preparatórios, sendo nomeado em 1935 para as funções de inspetor de ensino e em 1938 professor de literatura do Colégio Pedro II. Nesse período, publica várias de suas obras.

Membro do conselho consultivo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (para tal nomeado em 1938). Eleito membro da Academia Brasileira de Letras em 1940; em 1943 é nomeado professor de literatura hispano-americana da Faculdade Nacional de Filosofia; prossegue suas traduções (inglês, alemão, francês, espanhol, dentre outras, a escrever biografias e a proferir conferências, levando uma profícua existência social e intelectual.

Faleceu no Rio de Janeiro aos 13-10-1968, sendo sepultado no Mausoléu da Academia Brasileira de Letras no Cemitério São João Batista. Algumas de suas obras:

A Cinza das Horas (1917); Carnaval (1919); Poesias e o ritmo dissoluto (1924); Libertinagem (1930); Estrela da Manhã (1936); Poemas Traduzidos (1935); Poesias Completas (1948); Alumbramentos (1960) Estrela da Tarde (1960); Biografias de Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Castro Alves (1953); Itinerário de Pasárgada (1954) Antologia dos poetas brasileiros (das fases romântica, parnasiana, simbolista, moderna, contemporânea); Crônicas etc.

HEITOR VILLA-LOBOS



Heitor Villa-Lobos nasceu no Rio de Janeiro aos 05-03-1887, filho de Raul Villa-Lobos, funcionário do Senado e de Dª Noêmia Monteiro Villa-Lobos. O dia da música clássica é 5 de março, dia do aniversário de Villa-Lobos. Era uma família de sete irmãos. Desde criança, o menino Heitor, autodidata, mostrava talento para a música, aprendendo, nessa fase, violoncelo, clarinete e saxofone. Interessava-se ainda por ritmos da música popular, cantigas e modas nordestinas. Aos doze anos perdeu o pai, passando a família, então, por graves dificuldades financeiras. Heitor foi morar com uma tia, passando a manter contato com grupos de “chorões” (músicos populares vistos, então, negativamente pela sociedade) Passou a estudar e inclusive conhecer o Nordeste brasileiro, encantando-se com o folclore e as riquezas da oralidade sertaneja. Conhecido nas rodas em que frequentava por ser um excelente contador de histórias. Sua primeira composição foi aos 13 anos e se chamava “Panqueca” (e cuja partitura foi perdida).

Jovem, passou a ganhar a vida tocando em cinemas caricocas. Com sua apresentação da Semana de Arte Moderna (1922), cujas ousadas composições misturavam ritmos folclóricos à música erudita, ganharia reconhecimento internacional. Em 1923, financiado pelo Governo Federal, foi para Paris, aí mostrando todo seu talento e ousadia, retornando ao Brasil em 1924. Retornaria em tournée à Europa em 1927, dessa vez financiado por um investidor.

Durante o regime ditatorial getulista, foi secretário de educação musical entre 1937-1945 (a educação musical era, então, matéria obrigatória nos currículos escolares); após a II Guerra Mundial, iniciou turnês pelos Estados Unidos e Europa Ocidental. Tornar-se-ia, então, um mito e uma referência mundial da música, compondo mais de mil obras, adquirindo pleno reconhecimento internacional, sendo suas muitas composições executadas nos mais prestigiados espaços mundiais.

Foi casado com pianista Lucília Guimarães durante 23 anos. Separando-se, uniu-se a Arminda Neves d’Almeida, professora de música, não deixando filhos. Fundador e 1º presidente da Academia Brasileira de Música e membro da Academia de Belas Artes de Nova Iorque.

Heitor Villa-Lobos morreu aos 17-11-1959 no Rio de Janeiro, vitimado por uremia (falência dos rins) sendo enterrado no Cemitério de São João Batista.

Principais Obras –

“O trezinho Caipira” / “Descobrimto do Brasil” / “Bachianas Brasileiras” / “Cantilena” / “Choros n.1, n.2 e n.5” / “A Floresta do Amazonas” / “Melodia Sentimental” / “Uirapuru” / “Rudepoema”

PONTO DO LEITE



Ah, se o ponto do leite falasse! Contaria tantas histórias de amizade, benfeitoria, tristeza, alegria e partidas. Numa época em que não havia muitas opções de serviços na cidade, o trabalho na zona rural era muito procurado tanto por homens, quanto para mulheres. A atuação dos trabalhadores se dava no período de safra várias vezes ao ano, como na colheita de café, frutas, milho, feijão, arroz; outrora no serviço de retireiro, tratorista.

A movimentação de trabalhadores que dependiam dos caminhões de leite era grande. Quase em todos os povoados de São Tiago e outros lugarejos, sítios e fazendas passava um caminhão de leite. Muito atenciosos, os caminhoneiros levavam e traziam encomendas para a roça ou cidade. Para quem pegava carona, tinha que ter um pouco de paciência para chegar à cidade, pois era na volta que os caminhões vinham passando nos pontos ou nas fazendas para pegar as latas de leite. Havia caminhões que chegavam depois das 14h. O Sr. Zeca Freitas e seus filhos tinham uma frota maior de caminhões, mas também tinham outros caminhoneiros na cidade como João Benjamin de Castro, Tuniquinho que faziam linha de leite. Inclusive outros vindo de Bom Sucesso e Oliveira. Esses caminhoneiros, sempre muito atenciosos levavam bilhetes, cartas, dinheiro, remédios, compras de alimentos, rações para os animais etc. A carona sempre ajudava muito, pouquíssimas pessoas tinham carros ou motos e a carona contribuía muito para levar professores nas escolas, pessoas ao médico e a chegar à cidade para compras e outros serviços.

Nesta memorável época, as comunidades rurais, os povoados em especial eram movimentados e frequentados por todos, principalmente nas festas de padroeiro, batizados, primeira comunhão, rezas e festas juninas das escolas rurais. Era tudo muito grandioso e as festas todas bem organizadas. As comunidades que tinham escolas se destacavam pela interação direta com as pessoas do lugar. A professora tinha um destaque especial, pois ela auxiliava a todos em vários segmentos. Além de educadora, era catequista e a referência da comunidade, por “ser estudada”.

Mas e o Ponto do Leite?

O ponto do leite estava lá próximo às estradas que davam acesso aos sítios e fazendas ou mesmo na porta da casa na roça. Este local era onde os sitiante e fazendeiros entregavam o leite para ir para as fábricas em São Tiago, Oliveira e Bom Sucesso. No momento da troca de latas cheias pelas vazias sempre serviam um café com quitandas deliciosas. Havia o momento de entregas de encomendas e outras pessoas já esperavam a carona. A rota do leite só terminaria naquele dia com a entrega do produto nas fábricas Orlamar, depois Boa Nata e também na Laticínios Freire.

Portanto, lembrar dos pontos do leite era lembrar de um momento especial do encontro, da partilha, das amizades, dos favores e dos gestos de bondade.

Hoje, alguns pontos do leite não tem a mesma serventia como antes; os caminhões não são mais aqueles que pegavam as latas cheias e as trocavam por vazias até no dia seguinte. Foram substituídos por outros que apenas pegam o leite e o depositam diretamente num tanque. Não há mais caronas, quase todas as escolas foram fechadas, boa parte das pessoas se mudou; outras vão e voltam à noite para a cidade. Missas nas capelas, agora apenas uma vez por mês.

O que fica? A memória de um tempo especial dos pontos do leite, dos caminhões, das caronas, dos encontros e da partilha. Como tudo valeu apena! O que temos pra hoje? Saudades e boas recordações!



Marcus Santiago
Membro do IHGST